

A certeza da incerteza

Mais do que nunca, a incerteza é uma certeza na vida quotidiana. A complexidade de viver em sociedade, impede que um individuo possa ter certezas absolutas sobre o seu futuro, a qualquer prazo. A cada passo na rua, não sabemos se nos vão perguntar as horas, não sabemos se o automóvel que passa nos vai molhar, ou despistar-se, ou seguir em frente; não temos a garantia de que uma refeição seja saudável, ou que a pessoa com quem combinámos encontrar-nos vai chegar a horas... Mas estas incertezas constantes que serviram de exemplo, são de tal modo certas, que nem pensamos nelas, como incertas... E apesar dos exemplos parecerem inspirar-se no que se passa numa cidade, a incerteza é independente de «tudo», porque até num mundo em que sejamos a única existência, não poderemos estar rigorosamente seguros, por exemplo, do tempo que nos resta nesse vazio hipotético...

Nesta perspectiva, a incerteza humana poderá ser entendida como a impotência ou a falta de controlo sobre o mundo.

A incerteza pode ser de tal forma natural, que não nos preocupamos com «ela», explicitamente. Quando uma situação que não sabemos avaliar *à priori* com rigor absoluto, se concretiza, apesar da incerteza que havia quanto à concretização, saberemos provavelmente comportar-nos!

Uma situação cujo desenlace é incerto, não é necessariamente, nem tipicamente, uma situação nova – basta reparar que o dia-a-dia da maior parte das pessoas, sendo muito repetitivo, não deixa de encerrar dúvidas: «a que horas estarei de regresso?», «qual será o almoço na cantina?»...

Mas as incertezas mais «interessantes» são as que correspondem a situações «novas». O conceito de situação «nova» não é fácil de debater, até porque os humanos mantêm um enorme historial de experiências, que sabem consultar sempre que necessário, muitas vezes sem que tenham consciência dos raciocínios e conhecimentos prévios que são [re]utilizados, para justificar uma certa decisão. É tudo muito natural... Normalmente será possível raciocinar sobre todos os cenários possíveis a partir da incerteza inicial, sem se ser «criativo»; isto é, aplicar raciocínio estritamente lógico dedutivo a uma vasta base de conhecimentos, será suficiente.

A incerteza pode tornar-se menos natural e até preocupante, quando põe em causa factos, antes tidos como «certos». Por exemplo, a partir do momento em que alguém tome consciência que o seu emprego de há anos está em risco, comprometem-se as «certezas» de todo um conjunto de eventos, que dependem do emprego.

Nesta outra [?] perspectiva, a incerteza resulta da *não omnisciência* do sujeito.

A falta de conhecimento completo pode ter diversas consequências e sugerir diversas acções. Todas as consequências têm no ser humano uma tradução emocional, mais ou menos intensa. Incertezas diferentes podem ter «intensidades emocionais» diferentes; por exemplo, regressando à situação do «emprego em risco», muitas pessoas reagiriam com ansiedade e depressão, a essa incerteza. Mas a complexidade do «enredo» é ainda maior, porque não serão apenas os eventos a determinarem emoções, mas também as emoções a determinarem os eventos...

Uma pessoa deprimida poderá tornar-se menos segura de si, passando a hesitar em situações em que normalmente não hesitaria. Repare-se todavia que não se podem associar «emoções negativas» a incertezas e «emoções positivas» a certezas... basta pensar na certeza da morte, para perceber a não relação...

Independentemente da natureza emocional da incerteza, que será diferente de pessoa para pessoa, o conhecimento incerto é sempre relevante. Por exemplo, numa viagem marítima, não pode haver certezas de se chegar ao destino. Mas por improvável / incerto que seja um problema que impeça esse objectivo, essa possibilidade [remota] tem de ser considerada, seja na utilização de embarcações de emergência, seja na disponibilidade de coletes de salvação...

A mensagem é a de que o ser humano age emocionalmente perante a dúvida, e que por mais corriqueira que seja a situação incerta, ela deverá ser considerada. A incerteza é relevante.

Em última análise, se questionarmos a nossa capacidade sensorial e as nossas interpretações daquilo que consideramos ser a realidade, obtemos um cenário em que, à partida, nada é garantido, e em que tudo merece dúvida. Essa é até uma atitude saudável, uma vez que obriga a discutir crenças [eventualmente falsas] que, sem discussão, poderiam passar por verdadeiras e contaminar o que se construísse «por cima», em níveis lógicos superiores.

A incerteza é pois promotora de certezas ou, ao menos, de hipóteses que poderão verem-se confirmadas. Há progressos científicos que resultam do esforço para «decidir» incertezas.

Os esforços no sentido da Inteligência Artificial Humana [IAH], deverão assim *não ignorar* o conhecimento incerto - não só porque é natural fazê-lo, bem como se perderia expressividade. Claro que representar o incerto é um problema mais vasto do que representar o certo, principalmente quando é «tradição» ter-se uma visão binária dos factos: ou verdadeiros, ou falsos... mas, fazendo abstracção das várias representações [já] possíveis para conhecimento incerto, a dificuldade derradeira – não esquecendo o propósito de atingir uma IAH – será conseguir um paralelo com aquilo que os humanos realmente fazem, com recursos «muito finitos», o que implica seleccionar as incertezas *relevantes* para o problema, concretizá-las *quando* necessário e, se necessário, fazer *uso* da informação que resulta da concretização. Em cada um destes passos podem acontecer erros ou incompletudes, que podem ser comprometedores.

Mais uma vez, o facto de se procurar descrever algo que não é possível garantir que compreendemos em absoluto [temos incertezas quanto à incerteza...], chama a atenção para o eventual interesse de abordagens alternativas, que não se preocupem com essa descrição [*top-down*] potencialmente insuficiente, mas antes com a edificação de estruturas [*bottom-up*] das quais «nasça» o comportamento que se pretende.